



2. O Imperialismo e sua Atualidade na Análise do Sistema Capitalista Internacional

Rafael Araújo [1]

A 2ª metade do século XIX marcou o surgimento de uma nova fase do capitalismo, onde suas contradições e seu caráter espoliador ficaram mais evidentes. Esta fase foi o imperialismo. O avanço do capitalismo monopolista sobre a África, Ásia e América Latina no século XIX, as Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) e a manutenção de uma relação de exploração das regiões periféricas pelo centro do capital consistem em conseqüências diretas do imperialismo que devem ser pensadas e analisadas por quem estuda o sistema capitalista internacional. Buscaremos neste trabalho desenvolver um debate teórico acerca do imperialismo e a sua ligação com a busca de poder nas relações interestatais do complexo sistema-mundo.

Palavras-chave: Imperialismo, capitalismo e sistema capitalista internacional.

Imperialism and its Actuality Analysis of the Capitalist System International

The 2ª half of century XIX marked the emergence of a new phase of the capitalism, where its contradictions and its expoliador character had been evidentes. This phase was the imperialism. The advance of the monopoly capitalism on Africa, Asia and Latin America in the World-wide century XIX, the World Wars in (1914-1918 and 1939-1945) and the maintenance of a relation of exploration of the peripheral regions for the center of the capital consists of direct consequences of the imperialism that must be thought and analyzed for who it studies the international system. We will search in this work to develop a theoretical debate concerning the imperialism and its relation with the search of being able in the interestatais relations of the complex world-system capitalism.

Key-Words: Imperialism, capitalism and world-system.

Introdução



As transformações do capitalismo ao longo do século XIX (2ª revolução industrial, monopolização, surgimento do capital financeiro e elevação da concorrência interestatal) levaram ao surgimento do fenômeno do imperialismo. Esta característica do capitalismo consolidou o domínio global da burguesia, levando a divisão do mundo entre dominantes e dominados.

O desenvolvimento do imperialismo contribuiu para que o final do século XIX ficasse conhecido na historiografia pela Era dos Impérios. Nesta fase, presenciamos não só a generalização dos autodenominados “imperadores” na Europa, mas, destacadamente, a subjugação, espoliação e domínio direto por parte dos europeus de regiões atrasadas na África e na Ásia, por conta da expansão do imperialismo.

Com o imperialismo assistimos, igualmente, a expansão do capital financeiro e dos produtos industriais ingleses sobre países da América do Sul e o desenvolvimento da política do big stick (grande porrete) pelos norte-americanos a partir de Theodore Roosevelt, propiciando uma série de intervenções na América Central e Caribe.

O fenômeno do imperialismo está associado ao desenvolvimento do capitalismo industrial e à consolidação da hegemonia burguesa. Como a tendência natural do capitalismo é a internacionalização e penetração em áreas atrasadas, a sua expansão sobre áreas periféricas foi impulsionada permitindo o aprofundamento da reprodução do capital e a geração de lucro.

De forma geral, as nações imperialistas possuíram os seguintes objetivos ao longo do seu avanço sobre a periferia do sistema capitalista[2] ao final do século XIX e início do século XX: emigração da população excedente (caso dos europeus), conquista de mercados consumidores, áreas para o investimento de capital financeiro excedente e busca de matérias-primas baratas.

A “justificativa social” para imperialismo residia no fardo do homem branco. O fardo consistia no processo civilizatório dos europeus sobre a África, e também áreas da Ásia. O livro O coração das Trevas[3] de Joseph Conrad demonstra esta discurso. Nele, temos o relato de uma África inóspita, habitada por povos bárbaros, que deveria ser civilizada pelo homem branco europeu. Com tal justificativa, o imperialismo foi apresentado de forma amena e não espoliadora.



As características centrais do imperialismo no século XIX (busca de mercados consumidores, matérias-primas, monopolização e áreas para o investimento de capital financeiro excedente) se mantiveram ao longo das últimas décadas. A concentração de capitais e a exploração da periferia se intensificaram com o processo de transferência das filiais das multinacionais de países do centro capitalista para as regiões periféricas. Com isso, estas empresas elevaram os seus lucros, por conta dos incentivos fiscais, pela exploração da mão-de-obra barata local e expropriação das condições de produção da periferia.[4]

O imperialismo: a trajetória de um fenômeno e os seus principais debates teóricos

Vladimir Lênin no clássico Imperialismo: fase superior do capitalismo debateu os principais aspectos da transformação do capitalismo no pós-2ª revolução industrial, sua ligação com o surgimento do imperialismo e as principais consequências deste fenômeno.

Segundo Lênin, o imperialismo caracteriza-se pela substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios. Estes são marcados pela grande produção industrial nas mãos dos seus conglomerados, pela monopolização do capital e pelo surgimento do capital financeiro (fusão do capital bancário e do capital industrial). A exportação de capitais sobre áreas que potencializassem a reprodução de capital seria uma consequência direta da monopolização.[5]

Além disso, o imperialismo, segundo Lênin, denotava-se pela partilha do mundo entre as potências capitalistas. A subjugação colonial e o domínio financeiro das áreas periféricas consistiam em aspectos fundamentais. A captação de áreas coloniais ou de influência levaria, fatalmente, à guerra entre as potências capitalistas. A rivalidade entre os Estados e as burguesias nacionais consistia na própria essência do imperialismo, pois a briga por hegemonia no sistema capitalista internacional era uma constante. Como os Estados nacionais eram aliados dos conglomerados burgueses na busca de áreas receptoras de capitais e produtos industriais, e as aspirações à hegemonia eram constantes, os conflitos interestatais tornaram-se inevitáveis.[6]

O domínio econômico e político dos Estados nacionais no sistema capitalista não se constroem sem conflitos. Por isso, o desenvolvimento da força militar e mesmo de alianças interestatais se tornaram inevitáveis antes da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), por exemplo.



Com o imperialismo do século XIX, a busca de territórios e de áreas de influência exacerbou as rivalidades entre as potências, levando não só a formação de alianças interestatais, mas também à guerra.

O imperialismo para Lênin tinha como elemento central a associação entre Estado e a burguesia nacional. Os interesses de governantes estatais reproduziam os anseios dos detentores do capital. A expansão do capital sobre a periferia atenderia aos interesses dos grupos dominantes dos Estados centrais do capitalismo, pois exacerbaria, à medida que o número de colônias e áreas de influência aumentasse, a possibilidade de construção da hegemonia no sistema capitalista internacional em desenvolvimento.

A expansão da influência e domínio das potências capitalistas sobre as áreas periféricas se associava à expansão de poder no cenário internacional. No final do século XIX e início do XX, a intensificação das rivalidades entre as nações europeias esteve associada, para além de sentimentos patrióticos, às aspirações de manutenção da hegemonia por parte da Inglaterra, ao protecionismo econômico e aos desafios às relações internacionais representados pelo aumento da competitividade entre as potências europeias.[7] Neste sentido, a expansão do poder político e econômico tornou a guerra inevitável.

A inevitabilidade da guerra imperialista apontada por Lênin e Bukharin (debatido posteriormente nesse trabalho), não foi seguida por Karl Kautsky[8]. Para este autor, o imperialismo consistia uma fase do capitalismo e se notabilizaria pela associação pacífica dos interesses das grandes potências e suas burguesias para o controle das “regiões atrasadas”. Tal processo conformaria o ultra imperialismo, onde a guerra não estaria presente e o mundo seria gerido pela associação cartelizada dos grandes monopólios.

O imperialismo para Kautsky seria a política preferida do capital industrial para enfrentar a desproporção entre um capitalismo industrial altamente desenvolvido e a necessidade de conquista de áreas agrícolas atrasadas para o fornecimento de produtos industrializados e investimento de capital financeiro. Os investimentos nas colônias aumentariam, assim, o fluxo comercial. Para ele, a eliminação da concorrência pela formação dos monopólios não levaria às disputas entre os cartéis e os Estados associados, mas a possibilidade de construção de um processo de associativismo e cooperação, promotores da paz mundial.



O cenário mundial no início do século XXI aponta que a existência de guerras ininterruptas e generalizadas não são uma constante, ainda que o imperialismo se faça presente e sua teoria seja atual. Tais elementos levam a uma rediscussão da teoria do ultra imperialismo de Kautsky, com o intuito de compreender as novas características e consequências do imperialismo.[9]

A teoria imperialista em Hilferding e Bukharin

Em seu livro O Capital Financeiro[10], Rudolf Hilferding analisou a constituição e expansão do capital financeiro, visto por ele como uma forma de articulação de todo o capital que daria origem a uma nova fase do capitalismo. Para ele, esta fase seria marcada pelo fim da livre concorrência e pelo impulso à associação entre capitalistas. Para Hilferding o capital financeiro significava:

(...) a uniformização do capital. Os setores do capital industrial, comercial e bancário antes separados encontram-se agora sob a direção comum das altas finanças, na qual estão reunidos, em estreita união pessoal, os senhores da indústria e dos bancos. Essa mesma união tem por base a supressão da livre-concorrência do capitalista individual por meio das grandes associações monopolistas. Com isso, muda também, naturalmente, a relação da classe capitalista com o poder do Estado (HILFERDING, 1985, p. 283).

Da análise de Hilferding sobre o capital financeiro, desprendemos alguns elementos: 1 – a monopolização levaria à eliminação da grande concorrência, elevando a necessidade de protecionismo econômico; 2 – o capital financeiro origina-se na unificação do capital bancário e industrial, com a preponderância do primeiro em virtude da posse da disponibilização do crédito. Tal situação potencializaria a monopolização de bancos e indústrias por um restrito grupo. A maior acumulação de capital levaria à necessidade de exportação deste às áreas que permitam taxas de lucros maiores (sendo inseridas aqui as áreas coloniais, mesmo o autor não vendo a colonização direta como uma necessidade); 3 - os monopólios evitariam as crises cíclicas do capitalismo, possibilitando a planificação; e 4 – o predomínio dos monopólios ligaria de forma direta ao surgimento do imperialismo, pois a exploração de novos mercados estrangeiros tornava-se fundamental para a exploração de matérias-primas e áreas para a exportação do capital excedente. Para o desenvolvimento deste processo o Estado cumpria um papel essencial, pois ele gerenciaria o capital fora das suas



fronteiras, impor leis às nações periféricas e realizaria os enfrentamentos com outras nações imperialistas.[11]

Hilferding contribuiu centralmente para os debates sobre o imperialismo por analisar os fatores que levaram a formação do capital financeiro por estabelecer as relações entre o nascimento dos monopólios e a expansão imperialista e, por fim, para a manutenção do poder estatal nas relações internacionais. Destacamos que sua obra serviu de base para as análises posteriores sobre o imperialismo realizadas por Lênin e Bukharin.

Em *A economia mundial e o imperialismo* Bukharin analisou o fenômeno do imperialismo e sua ligação com o capital financeiro. Segundo este autor, o imperialismo é uma fase do desenvolvimento do capitalismo e uma consequência do surgimento do capital financeiro, por sua necessidade de expansão. Tal processo é uma necessidade do capital financeiro, permitindo a influência sobre territórios fornecedores de matérias-primas, mercados consumidores, capital excedente e produtos industriais das nações centrais.

Esta conjuração tem por base a DIT (Divisão Internacional do Trabalho) que seria responsável pela troca de produtos de origens distintas. Para o autor: “(...) podemos definir a economia mundial como um sistema de relações de produção e de relações correspondentes de troca, que abarcam o mundo em sua totalidade[12]”.

Aproximando-se de Hilferding, Bukharin também relacionou o imperialismo à formação do capital financeiro. Segundo ele, este capital sustentava os monopólios industriais (financiando a sua produção) e se relaciona ao imperialismo em virtude da expansão de capital, necessário por conta da “superprodução relativa do capital”, ou seja, em razão da sua acumulação e demanda reprodutiva.

Bukharin acreditava que a formação dos monopólios findaria a livre concorrência no interior das economias nacionais e elevaria a concorrência externa entre os grandes monopólios comerciais. Assim, assistiríamos a formação de um sistema anárquico de empresas em competição no cenário internacional que, tal como afirmado por Lênin, potencializaria as guerras entre os monopólios capitalistas nacionais. Segundo ele:



Na sociedade capitalista, a guerra é, na realidade, apenas um dos métodos de concorrência capitalista, na medida em que esta última se trava na esfera da economia mundial. A guerra é, pois, a lei imanente de uma sociedade chamada a produzir sob a pressão das leis cegas do mercado mundial que se desenvolve caoticamente – e não de uma sociedade capacitada para reger, conscientemente, o processo de produção. (BUKHARIN, 1984, p. 48).

Assim, as guerras estariam associadas às disputas anárquicas entre os grandes monopólios nacionais do sistema internacional. Tais disputas teriam como raiz o desenvolvimento econômico, a nacionalização dos interesses burgueses e a internacionalização do capital. As guerras se associariam a dois elementos interligados que são inerentes ao desenvolvimento do capital: nacionalização e internacionalização dos interesses capitalistas.

Ainda sobre a ligação da expansão do capital, imperialismo e guerra, Bukharin afirma:

(...) Ora, essa política do capital financeiro é o imperialismo. Essa política implica métodos violentos, pois a ampliação do território nacional é a guerra. Não se deduz daí, entretanto, que qualquer guerra e qualquer expansão do território nacional pressupõem uma política imperialista: o elemento determinante é o fato de a guerra ser a expressão da política do capital financeiro, tomado esse termo no sentido de que falamos precedentemente. (BUKHARIN, 1984, p. 96).

Depreendemos das análises de Bukharin os seguintes elementos 1 - o nascimento do imperialismo é uma consequência do surgimento do capital financeiro. Este fenômeno cumpre o papel de agente da estrutura financeira do capital e subordina o mundo ao seu domínio; 2 - o imperialismo pressupõe conquista de territórios e/ou influência para a reprodução do capital; 3 - a formação dos monopólios e o surgimento/expansão dos interesses nacionais estão inseridos no quadro do desenvolvimento/necessidade de expansão do capital; 4 - as guerras são consequências das disputas econômicas. Por isso, ter um poder militar forte é uma necessidade do capital e deve ser desenvolvido pelo Estado, com o intuito de atingir os interesses nacionais.

Lênin e Bukharin compartilharam dos pressupostos de Hilferding que o capitalismo atravessava uma fase distinta, marcada pelo fim da livre-concorrência, e pelo surgimento do



capitalismo monopolista, financeiro, ou, segundo ambos, do próprio imperialismo. Segundo Bukharin, a economia mundial e o imperialismo estavam associados, pois a contradição entre a internacionalização econômica e a acentuação do caráter nacional dos interesses capitalistas tornaria o mercado mundial a expressão da competitividade entre os países e os capitais. O imperialismo seria, assim, a política advinda desta transformação do capitalismo. Assim, ambos os autores compartilham da tese da inevitabilidade do imperialismo (em razão das transformações do capitalismo na 2ª metade do século XIX) e de sua consequência mais direta, a guerra.

A atualidade da teoria imperialista no pós-2001

A aspiração à hegemonia pelas grandes potências é marcante no sistema-mundo. Por conta disso, os conflitos entre as nações líderes e os desejosos da liderança foram presentes na história. A Guerra dos 30 anos (1618-1648), as guerras napoleônicas (1799-1815) e as duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), somente para citar alguns exemplos, denotaram a relação entre a busca de poder e conflitos.

Com o imperialismo, como vimos nos debates teóricos acima, a potencialidade da guerra entre as potências foi elevada. Junto à acumulação de capital, as grandes potências desenvolveram um forte aparato militar, pois este é um aspecto fundamental para a acumulação do poder[13] de um Estado e sua manutenção.

Como vimos nas análises sobre o imperialismo realizadas por Lênin e Bukharin, as disputas econômicas decorrentes da monopolização do capital levariam às guerras. A imperiosa necessidade de aquisição de áreas para a reprodução do capital fez com que as guerras de conquista contra as nações periféricas, bem como contra os adversários diretos na disputa pelo papel de grande potência, se tornassem presentes.

As disputas por influência e poder são inevitáveis no sistema capitalista internacional. A globalização econômica[14] as intensificou em virtude do acirramento das disputas por proeminência econômica entre as potências centrais (EUA, China e a Comunidade Europeia[15]). Há cada vez mais exploração sobre a periferia, por esta potencializar acumulação de capital pelos centros dominantes.



Tais elementos nortearam a retomada do debate teórico sobre o imperialismo no pós-ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001. Estes ataques demonstraram, mais uma vez, a relação espoliadora dos EUA e do mundo ocidental com o Oriente Médio, esquecidos em virtude da descolonização do pós-2ª Guerra Mundial ou por conta do fim do socialismo real em 1991. Além disso, as intervenções militares subsequentes no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003) demonstraram que os temas ligados ao imperialismo - coerção internacional, através da utilização dos aparatos econômicos, político e militares - eram ainda correntes no mundo pós-Guerra Fria.

As recentes revoluções democráticas no mundo árabe iniciadas na Tunísia (Revolução de Jasmin) em dezembro de 2010, na qual os árabes derrubaram ditadores aliados do ocidente do poder, como Ben Ali (Tunísia) e Hosni Mubarak (Egito), demonstram também a atualidade do imperialismo e a necessidade das discussões acadêmicas sobre este fenômeno histórico.

A pax americana construída no pós-Guerra Fria elevou a necessidade de construirmos uma nova teorização do imperialismo. O forte poderio econômico-militar dos EUA no pós-1991 e o desenvolvimento da globalização permitiram que os norte-americanos incorporassem seus principais rivais capitalistas da Europa e o Japão numa organização Imperial com centro de poder definido: Washington. Este centro se utiliza de organismos e instituições como FMI, Banco Mundial, grupos internacionais (ex: G-8) e pactos militares, como a OTAN, para a manutenção da ordem internacional liderada pelos EUA.

Os acordos entre as grandes potências liderados pelos EUA geram uma situação semelhante a do ultra-imperialismo apontado por Kaustky. Contudo, a perpetuação da utilização da coerção física na periferia, a concorrência por mercados e áreas para a reprodução do capital entre as potências capitalistas centrais demonstram que um cenário de Paz Perpétua é impossível no sistema capitalista internacional.

Conclusão

Estamos perante um sistema internacional anárquico, composto por centenas de Estados, com suas crenças, convicções, desejos de expansão de influência e manutenção de liderança. Neste quadro, o surgimento de novas potências no cenário internacional ou a necessidade de maior exploração da periferia contribui para que a teoria imperialista seja atual, não só pela relação



de exploração entre o centro e a periferia, mas, sobretudo, por destacar a possibilidade de confrontos entre os dominantes, dominados e os aspirantes à liderança global.

Como abordado nas obras de Hilferding, Lênin e Bukharin o imperialismo foi inevitável como fenômeno histórico e se mantém atual, pois a monopolização de capitais, sua expansão e as disputas interestatais por mercados consumidores, áreas para investimentos de capital e regiões fornecedoras de matérias-primas baratas continuam latentes.

Em virtude do presente cenário de grave crise econômica global - que tende a se elevar caso as situações revolucionárias da Tunísia, Egito, e agora Líbia, se espalhem sobre países importantíssimos para o abastecimento global de petróleo, como Arábia Saudita - temos a possibilidade de assistirmos a uma nova fase de expansão imperialista sobre a periferia do sistema, mas também a possibilidade de elevação das tensões no centro capitalista, sobretudo pelo papel cada vez mais relevante no sistema internacional da China.

Notas

[1] Doutorando em História pelo Programa de História Comparada (PPGHC)/UFRJ, pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ e bolsista Capes.

[2] Para Immanuel Wallerstein desde o século XVI assistimos a conformação do sistema-mundo liderado pelas potências europeias. A expansão colonizadora levou a divisão entre nações centrais (detentores do meio de produção, monopólio econômico, poder militar e influência cultural) e nações periféricas (compradora de mercadorias e submissas aos interesses do centro do sistema). Este fundamentou-se na expansão e acumulação de capital, propiciadores da consolidação do capitalismo. Ver: WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World System*. Nova York, Academic Press.

[3] CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

[4] FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo - Teoria e História**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 2010. P. 145-153.

[5] LENIN, Vladimir. **Imperialismo: fase superior do capitalismo**. IN: LENIN, Vladimir. *Obras escolhidas*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982, p. 621 e 641.

[6] LENIN, Vladimir. Op. Cit. p. 642-644.

[7] Ver: HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 417-438



- [8] Ver: KAUTSKY, Karl. **The necessity of imperialism**. IN: KAUTSKY, Karl. Selected political Writings, Londres, Macmillan Press, 1983. Citado por: FERNANDES, Luís. URSS – Ascensão e queda. São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 1991.p. 31-34.
- [9] Ver: PANITCH, Leo e GINDIN, Sam. **Capitalismo global e império norte-americano**. IN: PANITCH, Leo e LEYS, Colin (Ed). Socialist register 2004: o novo desafio imperial. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/social/2004pt/social.html> Acesso: Abril/2007.
- [10] HILFERDING, Rudolf. **O capital Financeiro**. São Paulo, Nova Cultura, 1985.
- [11] HILFERDING, Rudolf. Ibid, p. 302.
- [12] BUKHARIN, Nikolai I. **A economia mundial e o imperialismo**. Editor Victor Civita, 1984, p. 24.
- [13] Outros elementos interagem na constituição do poder de um Estado para a Economia Política, tais como: moeda, território, população, infraestrutura e cultura. Para fins deste trabalho, escolhemos os aspectos econômicos, militares e a ligação destes com o poder político.
- [14] Nos alinhamos à teoria de Manuel Castells (Ver Sociedade em rede) quando ele afirma que a globalização ocorre com a formação planetária de redes, cujos efeitos consistem na redução e encolhimento dos espaços, dinamizando, com isso, a vida do homem.
- [15] Para sintetizar a exemplificação dos países centrais do capital, trabalhamos com a União Européia como um único ator central. No entanto, acreditamos que somente Alemanha, Inglaterra, França e Itália cumpram um papel central na dinâmica do capital, com o restante dos países cumprindo papéis secundários.

Referências Bibliográficas

- BUKHARIN, Nikolai I. **A economia mundial e o imperialismo**. Editor Victor Civita.
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- FERNANDES, Luís. **URSS – Ascensão e queda**. São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 1991.
- FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo - Teoria e História**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 2010.
- HILFERDING, Rudolf. **O capital Financeiro**. São Paulo, Nova Cultura, 1985.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- LENIN, Vladimir. **Imperialismo: fase superior do capitalismo**. IN: LENIN, Vladimir. Obras escolhidas. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.
- PANITCH, Leo e LEYS, Colin (Ed). **Socialist register 2004: o novo desafio imperial**. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/social/2004pt/social.html> Acesso: Abril/2007.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World System**. Nova York, Academic Press.



GRUPO DE ESTUDOS DO
TEMPO PRESENTE

Cadernos do Tempo Presente – ISSN: 2179-2143

Edição n. 03 – 03 de abril de 2011, www.getempo.org



Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Rodovia Marechal Rondon, s/nº, sala 06 do CECH-DHI,
Bairro Jardim Rosa Elze, São Cristóvão – SE, CEP: 49.000-000, Fone: (79) 3043-6349.

E-mail: caderno@getempo.org